



UNIVERSIDADE FERDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ANA ALINNE SILVA DE BRITO

**CONTRIBUIÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE
ESTUDANTES COM DISLEXIA**

João Pessoa – PB

2026

ANA ALINNE SILVA DE BRITO

**CONTRIBUIÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM DISLEXIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins.

João Pessoa – PB

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B862c Brito, Ana Alinne Silva de.

Contribuições bibliográficas da Universidade Federal da Paraíba no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia / Ana Alinne Silva de Brito. - João Pessoa, 2026.

51 f. : il.

Orientação: Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Dislexia. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Revisão bibliográfica. 4. Universidade Federal da Paraíba. I. Martins, Lisiê Marlene da Silveira Melo. II. Título.

UFPB/CE

CDU 616.89-008.434.5(043.2)

ANA ALINNE SILVA DE BRITO

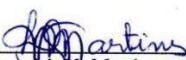
**CONTRIBUIÇÕES BIBLIOGRÁFICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES
COM DISLEXIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de graduação em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para obtenção do título licenciada
em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiê Marlene da
Silveira Melo Martins.

João Pessoa, 10 de abril de 2026.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Lisiê Marlene da Silveira Melo Martins (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Profa. Dra. Sandra Alves da Silva Santiago (UFPB/ DHP - membro banca)
Universidade Federal da Paraíba

Profa. Dra. Adenize Queiroz de Farias (UFPB/ DHP - membro banca)
Universidade Federal da Paraíba

Dedico este trabalho ao Bom Deus, e aos meus pais Maria Silva do Nascimento e Severino Ramos de Brito que sempre valorizaram e incentivaram os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao bom Deus pela graça de ter ingressado na universidade pública e pelo caminho de formação feito até aqui. Agradeço aos meus pais Maria Silva e Severino Ramos, ao meu irmão José Victor e minha cunhada Adna pelo apoio, incentivo e a paciência, principalmente nesta reta final da graduação.

Agradeço aos professores que tive ao longo do curso, em especial a minha orientadora Dra. Lisiê. Também recordo e agradeço as colegas, Suyanne Freitas, Thatiana Costa, Andreza Carneiro, Luize Pagoto, que compartilharam comigo as dificuldades e as alegrias nesses anos de formação.

Agradeço aos meus amigos do céu e os da terra por suas intercessões, principalmente a Virgem Maria por seus cuidados maternais.

É justo que muito custe o que muito vale.

—Santa Tereza d' Avila

RESUMO

O presente trabalho tem como tema as contribuições bibliográficas da Universidade Federal da Paraíba no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com dislexia. A escolha do tema se deu a partir de reflexões feitas ao longo curso sobre a necessidade de maiores estudos e discussões acerca do tema, resultando no levantamento da hipótese de quais são as contribuições da UFPB acerca do processo de ensino e aprendizagem de pessoas com dislexia. O objetivo geral dessa pesquisa é analisar as contribuições das produções bibliográficas disponíveis no repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba, sobre o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia nos anos de 2016 a 2026, e tem por objetivos específicos realizar levantamento de produções bibliográficas produzidas nos anos de 2016 a 2026 na instituição que abordam o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia; fazer o mapeamento dos estudos produzidos ressaltando as contribuições teóricas e metodológicas de cada trabalho. Apontar as contribuições das produções científicas identificadas sobre o tema da dislexia voltado para o campo educacional. A metodologia abordada no trabalho foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória. Inicialmente foram identificados dezesseis trabalhos sobre a dislexia, em um aprofundamento de buscas foram selecionados cinco trabalhos para análise, sendo quatro da área de pedagogia e um da psicopedagogia produzidos nos últimos dez anos. Essas análises permitiram identificar três eixos principais nas produções: as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da dislexia, o papel do professor na mediação desse processo e as estratégias pedagógicas adotadas. Nesse processo, constatou-se a falta de continuidades e frequências das pesquisas sobre o tema ao longo dos anos, assim como lacunas na formação inicial de professores para atuação com estudantes disléxicos. Conclui-se que é necessário a ampliação das discussões acadêmicas sobre o tema e incentivo à produção científica, fortalecimento da formação docente para alcançar uma educação mais inclusiva e eficiente.

Palavras-chave: Dislexia; Ensino-aprendizagem; Revisão bibliográfica; Universidade Federal da Paraíba.

ABSTRACT

The present study focuses on the bibliographic contributions of the Federal University of Paraíba (UFPB) to the teaching and learning process of individuals with dyslexia. The choice of this topic arose from reflections developed throughout the course regarding the need for further studies and discussions on the subject, leading to the formulation of the hypothesis concerning the contributions of UFPB to the teaching and learning process of individuals with dyslexia.

The general objective of this research is to analyze the contributions of the bibliographic productions available in the institutional repository of the Federal University of Paraíba regarding the teaching and learning process of students with dyslexia from 2016 to 2026. Its specific objectives are to carry out a survey of bibliographic productions produced at the institution between 2016 and 2026 that address the teaching and learning process of students with dyslexia; to map the studies produced, highlighting the theoretical and methodological contributions of each work; and to identify the contributions of the scientific productions found on the topic of dyslexia within the educational field.

The methodology adopted in this study was bibliographic, qualitative, and exploratory research. Initially, sixteen studies on dyslexia were identified. After a more in-depth search, five studies were selected for analysis, four from the field of pedagogy and one from psychopedagogy, all produced within the last ten years. These analyses made it possible to identify three main axes in the productions: the difficulties in the teaching-learning process related to dyslexia, the role of the teacher in mediating this process, and the pedagogical strategies adopted.

In this process, a lack of continuity and frequency in research on the topic over the years was observed, as well as gaps in the initial training of teachers to work with dyslexic students. It is concluded that it is necessary to expand academic discussions on the topic, encourage scientific production, and strengthen teacher education in order to achieve a more inclusive and effective education.

Keywords: Dyslexia; Teaching and learning; Bibliographic review; Federal University of Paraíba.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 Dificuldade de aprendizagem ou transtorno específico da aprendizagem	14
2.2 Dislexia.....	18
2.3 Legislação e inclusão de pessoas com transtornos específicos da aprendizagem	20
2.4 Dislexia na escola.....	22
2.5 Desenho Universal para Aprendizagem (DUA) e adaptação curricular	26
3 METODOLOGIA	28
3.1 Tipo de pesquisa	28
3.2 Instrumentos/técnicas de produção e coleta de dados	29
3.3 análise e discussão dos dados.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	49

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho ocorreu pelo fato de minha participação na disciplina de educação especial, que através de seus estudos e discussões foi possível enriquecer o conhecimento e entendimento acerca da inclusão. Nesta disciplina, recebemos convidados que nos apresentaram suas realidades, alguns desses convidados eram pessoas com deficiência (PCD), pais de PCD, ou profissionais que atuam diretamente com PCD.

Ao ouvir o relato de um convidado da disciplina de educação especial que era professor do atendimento educacional especializado (AEE), de uma cidade do interior, fiquei impressionada, e isso provocou reflexões ao longo do curso. Em sua fala, ele dizia que as professoras da sala de aula regular de sua escola não sabiam o que fazer com os alunos com deficiência e muito menos com aqueles com transtornos específicos da aprendizagem, a exemplo da dislexia. O que resultava na retirada frequente deles da sala de aula e envio para sala do AEE. A ação delas era contrária à legislação que determina que esse atendimento seja complementar ou suplementar, ele não deve substituir o ensino regular.

O que mais se destacou em sua fala foi fato de receber, também no AEE, as crianças com transtornos específicos da aprendizagem. Estas pessoas não são o público da educação especial, mas sim as pessoas com alguma deficiência, transtorno do espectro autista, altas habilidades/ ou superdotação, porém o professor demonstrava sensibilidade às dificuldades daqueles alunos e tentava ajudar de alguma forma para que não tivessem seu desenvolvimento intelectual e suas necessidades educacionais negligenciadas.

A falta de preparo demonstrada pelas professoras do relato é reflexo do atual cenário da nossa educação onde muitos professores têm dificuldade para atuar em uma turma diversa, de ter uma prática inclusiva. Mas a falta de inclusão não é o único problema que encontramos em nossas escolas, principalmente quando olhamos para o ensino fundamental anos iniciais, para as séries alfabetizadoras. Neste contexto, encontramos o desafio de turmas superlotadas, metodologias ineficazes e alunos com o desenvolvimento atípico, muitas vezes não diagnosticados. São exemplos de situações

que impactam no processo de alfabetização. A seguir, nos debruçaremos sobre alguns dados que comprovam a crise no processo de alfabetização do nosso sistema educacional.

Segundo dados recentes do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (INEP, 2023), sobre a nossa proficiência em leitura, o Brasil atingiu 410 pontos de uma média de 476. Os dados apontam ainda que 50% dos nossos estudantes tiveram um baixo desempenho na leitura e apenas 2% dos estudantes atingiram um alto desempenho. Um dos grandes desafios atuais para alfabetização é a defasagem deixada pela pandemia da covid-19, onde por meio de projetos como: Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, o país tem tentado sanar esse problema e compensar as lacunas deixadas nos anos seguintes, bem como alfabetizar as crianças até o final do 2º ano do ensino fundamental.

As fragilidades que foram apontadas no nosso sistema educacional geram problemas na identificação, má compreensão e negligência na intervenção pedagógica no que diz respeito a pessoas com dislexia. Por esse motivo, dentre os transtornos específicos da aprendizagem, justifica-se a escolha em falar sobre a dislexia e o seu processo de ensino e aprendizagem.

O que são os transtornos específicos da aprendizagem e o que é a dislexia? Os transtornos específicos da aprendizagem, ou como também o encontramos na literatura, transtorno ou distúrbio da aprendizagem, são dificuldades persistentes em alguns campos, como leitura, escrita ou matemática. Ocasionalmente não por falta de inteligência, oportunidades ou pelo meio em que a pessoa está inserida, mas sim por fatores neurobiológicos, por um processamento diferenciado dessas informações (leitura, escrita, matemática) nas áreas responsáveis, do cérebro, por estas leituras. A dislexia é o transtorno que afeta o processamento da leitura e escrita.

Os sinais da dislexia podem ser percebidos no período da alfabetização e as pessoas com esse desenvolvimento apresentam atraso na aquisição da fala, dificuldade na identificação e produção de rimas, também problemas para soletrar e sequenciar sons, dificuldade em decodificação das palavras, dificuldades com ortografia, dificuldade de compreender aquilo lido e leitura muito lenta.

De acordo com informações divulgadas pelo Ministério da Educação, com base

na Associação Brasileira de Dislexia, ela afeta entre 5% e 17% da população mundial (BRASIL, s.d.). Já o Brasil possui aproximadamente 7,8 milhões de pessoas com dislexia, o que corresponde cerca de 4% da população brasileira (Instituto ABCD, 2020).

Essa porcentagem da população brasileira, com suas dificuldades permanentes, além de encontrar obstáculos com o despreparo dos profissionais de educação como já mencionado no relato, encontra também dificuldades geradas pela dislexia, confundidas com uma dificuldade de aprendizagem passageira, causada pelo meio ou outro contexto.

Por esta razão, é imprescindível produzir conhecimento e fomentar a discussão acerca da dislexia, para, desta forma, enriquecermos a formação de novos pedagogos que atuarão diretamente na sala de aula, principalmente, nos anos iniciais, onde podemos identificar o transtorno precocemente e a atuação docente é essencial. É refletindo sobre esta produção de conhecimento que voltamos o nosso olhar para nossa instituição e o nosso repositório institucional.

O que é produzido aqui não deve ser visto apenas como um requisito para concluir um nível da educação. São produções científicas que ampliam discussões, buscam soluções e apresentam estratégias não apenas para a academia, mas também para as demandas da sociedade. A pesquisa que mais corresponde a esse olhar para dentro da nossa instituição é a bibliográfica.

“Portanto, a importância da pesquisa bibliográfica está relacionada ao fato de se buscar novas descobertas a partir de conhecimentos já elaborados e produzidos. Isso se dá ao passo que a pesquisa bibliográfica se coloca como impulsionadora do aprendizado, do amadurecimento, levando em conta em suas dimensões os avanços e as novas descobertas nas diferentes áreas do conhecimento.” (Brito; Oliveira; Silva, 2021, p. 8).

O conhecimento que depositamos em nosso repositório institucional pode influenciar a formação de novos professores, também possibilita ajudar professores que já estão na sala de aula e buscam respostas para os desafios que ali encontram, bem como esclarecer dúvidas de pais de crianças disléxicas e adultos que descobriram tardiamente a origem de sua dificuldade com a leitura e escrita.

Pensando nessa necessidade de discussão, chegamos a nossa pergunta: quais as contribuições das produções bibliográficas, da Universidade Federal da Paraíba, no processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia na última década?

Partindo desse questionamento a pesquisa teve como objetivo geral analisar as

contribuições das produções bibliográficas disponíveis no repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba, sobre o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia nos anos de 2016 a 2026. Os objetivos específicos foram realizar levantamento de produções bibliográficas produzidas nos anos de 2016 a 2026 na instituição que abordam o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia; fazer o mapeamento dos estudos produzidos, ressaltando as contribuições teóricas e metodológicas de cada trabalho; apontar as contribuições das produções científicas identificadas sobre o tema da dislexia voltado para o campo educacional.

Por fim, o trabalho foi organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo é a introdução. O segundo capítulo apresenta a fundamentação teórica e está dividido em cinco subcapítulos, sendo eles: 2.1 Dificuldade de aprendizagem ou transtorno específico da aprendizagem; 2.2 Dislexia; 2.3 Legislação e inclusão de pessoas com transtornos específicos da aprendizagem; 2.4 Dislexia na escola; 2.5 Desenho Universal para Aprendizagem e adaptação curricular.

O terceiro capítulo traz a metodologia do trabalho e está dividido em três subcapítulos: 3.1 Tipo de pesquisa; 3.2 Instrumentos/técnicas de produção e coleta de dados; 3.3 análise e discussão dos dados. O quarto capítulo corresponde às considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Dificuldade de aprendizagem ou transtorno específico da aprendizagem

Antes de iniciarmos a distinção entre dificuldade de aprendizagem e transtorno específico da aprendizagem, se faz necessário abordar o processo de ensino e aprendizagem. Para compreendermos o processo de ensino e aprendizagem, iniciaremos com um teórico do desenvolvimento cognitivo, que é frequentemente citado no campo da educação e é referência ao longo deste curso, Jean Piaget.

Ele apresenta em sua teoria os conceitos de assimilação e acomodação. Seus estudos dizem que os indivíduos possuem esquemas mentais, estruturas cognitivas que

nos ajudam a compreender a realidade. A assimilação é a tentativa do cérebro de encaixar algo, vindo do contato com a realidade, nos esquemas mentais.

Em determinados momentos, os esquemas mentais não conseguem produzir a assimilação, resultando em uma modificação nos esquemas mentais e, segundo Piaget, acontece a acomodação. Esta possibilita a construção de novos esquemas, e, para haver aprendizagem, o cérebro precisa passar por esse caminho de assimilação, resultando em um desequilíbrio e, por fim, na acomodação. Conforme destacam Ostermann e Cavalcanti: “Portanto, na abordagem piagetiana, ensinar significa provocar o desequilíbrio na mente da criança para que ela, procurando o reequilíbrio, se reestruture cognitivamente e aprenda.” (Ostermann; Cavalcanti, 2011, p. 33).

Outro autor estudado no curso, especificamente na disciplina de Educação e Tecnologia, foi o educador Neil Fleming, criador da técnica de mapeamento de estilos de aprendizagem denominada VARK (acrônimo em inglês para Visual, Aural, Read/Write e Kinesthetic). Para Fleming (2001 apud Schmitt; Domingues, 2016, p. 372-373), o ser humano possui quatro canais principais de aprendizagem:

- a) Visual: pessoas que aprendem melhor visualmente preferem informações apresentadas por demonstrações visuais e descrições. Costumam utilizar listas para organizar o raciocínio e frequentemente lembram dos rostos das pessoas, embora possam esquecer seus nomes.
- b) Auditivo: indivíduos que aprendem pela audição preferem instruções faladas, discussões e diálogos, resolvendo problemas por meio da comunicação oral.
- c) Leitura/escrita: esses aprendizes costumam fazer anotações e registros durante aulas e leituras, utilizando textos e esquemas para organizar o conhecimento.
- d) Cinestésico: pessoas com esse estilo de aprendizagem preferem aprender por meio da prática, da experimentação e da interação com o ambiente.

Embora a maioria dos estudantes seja capaz de utilizar esses diferentes canais de aprendizagem, muitos optam por um canal específico, demonstrando maior facilidade para compreender e assimilar informações por meio de técnicas de estudo próprias de um canal. E por que conhecer essa técnica de mapeamento é interessante para os professores? Porque isso possibilita conhecer o perfil de sua sala de aula, devemos nos conscientizar que as turmas não são homogêneas, a realidade de cada aluno é distinta, bem como suas dificuldades, facilidades, e, conseqüentemente, seus esquemas

mentais. Traçar o perfil das turmas é importante para sabermos quais meios, recursos e técnicas serão mais efetivos para favorecer o processo de aprendizagem dos alunos.

Para concluir essa reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem, falaremos sobre a teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. Para Gardner (1995 apud Albino; Barros, 2021, p.8)

as inteligências múltiplas são habilidades humanas únicas, ou seja, cada pessoa tem diversas inteligências. A diferença entre elas será o tipo de estímulo que receberá ao longo da vida, o que pode potencializar algumas inteligências e não tanto outras.

Ele classificou oito tipos de inteligências, linguística ou verbal, lógico-matemática, espacial, sonora ou musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista. Essas inteligências são capacidades humanas e todos nós as possuímos, entretanto os estímulos que recebemos ao longo da vida podem dar mais potência a uma em detrimento das outras. Essa teoria amplia nosso olhar sobre as capacidades, potencialidades dos alunos, bem como para as dificuldades deles. Estudar as inteligências múltiplas nos permite olhar para o aluno e conseguir identificar as competências menos desenvolvidas e buscar soluções para tornar a sala de aula um ambiente propício ao desenvolvimento dessas competências.

Após compreendermos como se dá o processo de aprendizagem em nosso cérebro, de conhecer os meios pelos quais acessamos a realidade e as potencialidades que todos nós possuímos, chegamos ao momento de conhecermos quais são as dificuldades de aprendizagem e o que pode ocasioná-las.

A dificuldade de aprendizagem pode ter diversos fatores familiares, psicológicos, mudança de escola, metodologias incompatíveis, estruturais etc. Na maioria das vezes, a dificuldade de aprendizagem tem sua raiz em algo passageiro. Uma vez identificadas suas causas e realizadas intervenções, as dificuldades podem ser superadas, sendo esta, de caráter transitório, o que a distingue de um transtorno. As causas das dificuldades de aprendizagem apontadas por Ceron-Litovoc, Gutt e Zukauskas (s.d.) são:

[...] dificuldade de aprendizagem, resulta da influência de condições ou eventos transitórios na vida do aluno que estão interferindo negativamente no ato de aprender. Pode ser mudança de escola, troca de professor, nascimento de um irmão, separação dos pais, perda de um familiar, falta de sono, problemas de saúde, entre outros. (Ceron-litovoc; Gutt; Zukauskas, s.d., p. 8).

Dependendo da origem, ela pode ser mais difícil de identificar do que um transtorno de aprendizagem. Mas observando os exemplos dados por Ceron-Litovoc, Gutt e Zukauskas, vemos que são situações que provocam uma ruptura no comportamento, no desenvolvimento do aluno que estavam em curso. Essa ruptura acende uma luz vermelha para a professora, escola e família, pois resulta na busca da raiz do problema e ao mesmo tempo encontram estratégias para sanar aquela dificuldade.

Já o transtorno específico da aprendizagem são dificuldades persistentes e de origem neurobiológicas, ou seja, não são causadas pelo meio, mas podem encontrar no meio um ambiente mais desafiador. Esse termo agrupa quatro transtornos que afetam diferentes campos, o da leitura, escrita e matemática. Os transtornos são a dislexia (afeta a leitura e escrita), disortografia (afeta a escrita, regras ortográficas), disgrafia (afeta a escrita), discalculia (dificuldade na matemática). As dificuldades e desafios dessas pessoas se manifestam desde o início da sua vida escolar e os acompanham por toda sua trajetória acadêmica. Como aponta Medeiros (2019, p.8)

São dificuldades que impactam nos resultados escolares, manifestando-se desde os estágios iniciais do desenvolvimento e persistindo até a idade adulta. Podem ocorrer mesmo se todos os fatores que possam suscitar problemas de aprendizagem forem descartados. São causadas por fatores internos, intrínsecos à pessoa, de ordem neurobiológica, sendo com isso a base das dificuldades. Inclui fatores genéticos, epigenéticos (transmissão de experiências vivenciadas pelos pais para os filhos e que não ocorre por meio do DNA) e ambientais. Assim, não são simplesmente uma consequência de uma falta de oportunidade de aprender, tampouco são decorrentes de qualquer forma de traumatismo.

Medeiros (2019), nos aponta o caminho para identificarmos os transtornos específicos da aprendizagem. Em primeiro lugar, se faz necessário eliminar todos os possíveis fatores ambientais que pudessem suscitar problemas de aprendizagem, não sendo o meio a causa das dificuldades apresentadas. Alguns passos desse processo é a anamnese, uma entrevista com os pais da criança.

No caso da investigação em adultos, a entrevista ocorre com o próprio adulto, com base em análises de relatórios escolares, histórico escolar, também escalas classificatórias, descrições em avaliações educacionais ou psicológicas e avaliação própria para cada transtorno. O Último ponto que Medeiros esclarece é a distinção entre os transtornos e as dificuldades advindas de traumas, lesão, inclusive, também nesta distinção, a deficiência intelectual, transtorno global do desenvolvimento etc. O transtorno específico de aprendizagem não afeta o funcionamento intelectual, apenas as habilidades específicas da aprendizagem de um dos campos já citados.

Para concluir este pequeno comparativo, devemos entender que nem toda necessidade educacional é um transtorno, mas que todo transtorno possui necessidades educacionais. Nem toda necessidade educacional é passageira, ou pode ser superada com algumas intervenções. Esclarecida as distinções dos termos, partimos para a compreensão do que é dislexia, suas características e incidências.

2.2 Dislexia

A palavra dislexia é de origem grega e possui dois radicais o primeiro, “dis”, se refere a difícil ou distúrbio e “lexia”, que significa palavra. Portanto, quando unidos remetem à dificuldade com as palavras. A dislexia é um distúrbio da leitura e escrita, ocasionado por uma anomalia em áreas do cérebro responsáveis pelo processamento fonológico, a decodificação (leitura). Segundo o Instituto ABCD (s.d.)

A dislexia é uma condição hereditária com alterações genéticas, que resultam em alterações no padrão neurológico de recebimento e processamento das informações. Ocorre em pessoas que têm visão e audição normal ou corrigida, e não apresentam problemas psíquicos ou neurológicos graves (como a epilepsia) que possam justificar, por si só, as dificuldades escolares. (Instituto ABCD, s.d.)

Seus sinais podem ser percebidos nos primeiros anos escolares, mais precisamente no período da alfabetização. E assim como os outros transtornos específicos da aprendizagem, as dificuldades ocasionadas pela dislexia são contínuas, ou seja, não surgem de repente e persistem mesmo após realização de intervenções pedagógicas voltadas para as dificuldades identificadas. Ainda segundo o Instituto ABCD (s.d.), as características da dislexia são: o atraso na aquisição da fala, dificuldade na

identificação e produção de rimas, problemas para soletrar e sequenciar sons, dificuldade na decodificação das palavras e com a ortografia, dificuldade de compreender aquilo ler e leitura muito lenta. Tais dificuldades não correspondem à idade cronológica da pessoa e nem às suas outras habilidades cognitivas. Dentro da dislexia, encontramos graus o leve, o moderado e o grave, são determinados a partir do comprometimento das suas habilidades de leitura e escrita e de acordo com o quanto de ajuda a pessoa vai precisar ao longo de sua vida.

O manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5) aponta em seu critério diagnóstico, que o transtorno existe quando ao menos uma das dificuldades características persiste mesmo após 6 meses de intervenções pedagógicas dirigidas a essas dificuldades.

A leitura do DSM-5 também esclarece que uma pessoa pode ter simultaneamente a dislexia e a discalculia, mas ao dar o diagnóstico se faz necessário registrar com sua codificação. Por fim, o documento ainda aborda que os transtornos específicos da aprendizagem frequentemente aparecem como comorbidade de transtornos do neurodesenvolvimento, de acordo com o DSM-5,

O transtorno específico da aprendizagem costuma ser comórbido com transtornos do neurodesenvolvimento (p. ex., TDAH, transtornos da comunicação, transtorno do desenvolvimento da coordenação, transtorno do espectro autista) ou com outros transtornos mentais (p. ex., transtornos de ansiedade, transtornos depressivo e bipolar). (2014, p. 65)

De acordo com as literaturas a incidência da dislexia é maior entre o sexo masculino, Segundo Paulino (2015, p. 4)

“Afeta 5 a 10% das crianças em idade escolar e os meninos são mais afetados que as meninas (razão sexual em torno de 1,6). A alta frequência no sexo masculino, filhos de mães com dislexia, sugere que a dislexia é uma desordem que pode ser relacionada ao cromossomo X”.

Esse aspecto hereditário e familiar deve ser levado em consideração como um fator de risco. Pois existem estudos, como os analisados por Paulino (2015), os quais apontam que crianças com dislexia podem ter pais ou irmãos com o mesmo transtorno.

Outro fator que também deve ser apontado, nestas disparidades entre o sexo feminino e masculino, é o subdiagnóstico em meninas, ocasionados por fatores comportamentais. Pois os meninos, seja por fatores hormonais ou sociais, tendem a expressar em seus comportamentos maior agitação e impulsividade, tais características em meninos com dislexia ocasiona maior reatividade diante de atividades nas quais sentem dificuldade. Em contraste com as meninas, que pelos mesmos fatores, tendem a ser mais calmas e ponderadas, ainda sim têm as mesmas dificuldades que um menino disléxico na execução de atividades, seu comportamento mais contido ajuda a esconder tais dificuldades. Esses fatores comportamentais dificultam o diagnóstico não apenas da dislexia, mas de outros transtornos, a exemplo do que ocorre com a TEA e o *masking* (camuflagem social).

2.3 Legislação e inclusão de pessoas com transtornos específicos da aprendizagem

O processo da busca pela inclusão no Brasil tem o seu início no final do século XIX, período do Segundo Império, com a criação do Instituto dos Meninos Cegos e o Instituto dos Surdos-Mudos (como era chamado em sua criação), bem como o trabalho realizado pelas Santas Casas de Misericórdia que acolhia e cuidava de crianças abandonadas dentre elas crianças com alguma deficiência. É um processo que caminha a passos lentos e com muitas lutas ao longo dos anos, um processo com avanços e retrocessos, impactado por mudanças políticas internas e externas.

Duas grandes influências no avanço da inclusão para nós é a Declaração Universal de Direitos Humanos de 1948, que fomentou discursões e mudanças anos após sua publicação, vemos sua influência na nossa Constituição. A outra foi a Declaração de Salamanca de 1994, documento ao qual o Estado brasileiro foi signatário, é o documento que estabelece a educação inclusiva como direito universal, onde as crianças com necessidades educacionais especiais devem ter acesso a escola regular e as escolas devem estar preparadas para acomodá-las tendo uma pedagogia centrada nas crianças.

Observando nossa legislação, iniciamos com nossa Constituição que em seu Artigo 205º diz que a educação é um direito de todos, é de dever do Estado e das famílias, ela deve ser promovida e incentivada em colaboração com a sociedade para o pleno desenvolvimento da pessoa. Já o seu art. 206 institui os princípios básicos da educação brasileira.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; [...] IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; [...] VII - garantia de padrão de qualidade. [...] IX - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. (Brasil, 1988)

Esses incisos trazem normativas importantes para inclusão de todos, com base neles fazemos uma reflexão sobre as pessoas com dislexia, que, devido aos desafios de sua condição podem ter dificuldades de permanência no ambiente escolar e o inciso I contempla dar condições para permanência na escola. Outro aspecto que tange as pessoas com dislexia é a sua constância ao longo da vida, seus desafios permanentes, mas o inciso IX garante o direito a aprendizagem ao longo da vida, como a educação básica, superior, técnica ou profissionalizante, garante a essas pessoas que mesmo com dificuldades em seu processo de aprendizagem, seu direito não lhe será negado. Destaco ainda o inciso VII - garantia de padrão de qualidade, não devemos ver aqui apenas os resultados de avaliações nacionais e internacionais, mas sim aquilo que é entregue aos estudantes, adequação da infraestrutura, organização institucional, recursos didáticos, oportunidades, adaptações pedagógicas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBN (Lei nº 9.394/1996), é uma lei subordinada a nossa Constituição e tem por objetivo organizar nosso sistema educacional em todos os seus níveis, estabelece os direitos e deveres de alunos e professores. Como uma norma subordinada à Constituição, a LDBN segue os mesmos princípios de nossa Carta Magna. Dito isto, as pessoas com dislexia estão contempladas nos princípios de igualdade de condições, garantia de padrão de qualidade, direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida. Mas como isso se concretiza na implementação das políticas públicas dentro dos nossos sistemas educacionais?

Observando o que é abordado no espectro da inclusão na (BRASIL, 1996) é a educação especial.

No Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Ou seja, no documento que organiza nosso sistema educacional, a dislexia não é contemplada dentro da educação especial. O nome desse transtorno também não aparece no documento, ou o termo Necessidades Educacionais Especiais como encontramos na convenção de Salamanca. As palavras necessidades educacionais especiais possibilitavam naquele documento incluir também as pessoas com dislexia, pois indicava que as escolas deveriam estar preparadas para acomodá-las, realizar a inclusão daqueles com necessidades educacionais especiais.

Ainda sobre o termo necessidades educacionais especiais, um outro documento importante para educação que utilizava o termo é a RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2/2001, este documento definia as diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica, o documento falava sobre a matrícula de pessoas com deficiências nos estabelecimentos de ensino, definiu a educação especial como modalidade transversal da educação, assim como a organização da sala do AAE. O documento em muitos aspectos contemplava também quem tem dislexia. Com o passar dos anos, outros documentos voltados para inclusão de pessoas com deficiência foram sendo produzidos, o conceito de educação especial foi se consolidando, bem como o entendimento de quais os estudantes da educação especial, já os transtornos como a dislexia foram ficando a margem.

Nos planos nacionais de educação (PNE de 2001-2010 e 2014-2024) a dislexia não é mencionada. Podemos ver, no PNE de 2001, a menção constante da palavra necessidades especiais tendo como base o art. 208, inciso III, mas tal artigo da nossa constituição fala sobre o atendimento especializado as pessoas com deficiências. Entretanto, a dislexia não se trata de uma deficiência, o que ocasiona a exclusão do disléxico na discussão desse documento. No PNE de 2014, não há menção à dislexia,

nem às necessidades educacionais especiais. Quando há menção, a palavra transtorno se trata do transtorno global do desenvolvimento.

Outro documento sobre a inclusão é a política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que se trata de um documento orientador do MEC que buscou garantir que todos os alunos tivessem acesso à educação regular, inclusão. Voltado para as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento (o termo utilizado atualmente é transtorno do espectro autista), e com altas habilidades/superdotação. A educação especial neste documento passa a ter caráter de complementariedade da educação regular. Nele foi criado atendimento educacional especializado. E assim como o PNE não contempla a dislexia.

Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão) é a lei de maior relevância para inclusão no nosso país, busca promover igualdade de condições, bem como direitos fundamentais para as pessoas com deficiência. Contempla dimensões como acessibilidade, educação, saúde, trabalho, transporte. Ela é um grande marco de inclusão no Brasil, mas para o público ao qual ela é destinada.

Recentemente uma Lei que os contempla a dislexia enfim, foi elaborada e publicada. A Lei Nº 14.254/2021 que fala do acompanhamento integral de educandos com dislexia, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e outros transtornos de aprendizagem. Sendo este acompanhamento uma parceria entre escolas, famílias, serviços de saúde que indica a responsabilidade dos professores no processo de ensino desses escolares, com o apoio dos outros profissionais tanto dentro quanto fora da escola. Esta lei teve início com o projeto nº 7081/10, ou seja, foi um processo de onze anos para que esta lei entrasse em vigor.

A nova Política Nacional de Educação Especial Inclusiva 2025, já carrega em seu nome a quem ela se dirige público da ed. Especial. Ela tem por objetivo garantir direito a educação num sistema inclusivo que garanta o acesso, permanência e aprendizagem para os estudantes com deficiência, TEA e altas habilidades/superdotação. A política aborda pontos como formação continuada dos professores, atendimento o AEE, profissional de apoio.

É uma política importante para o país, mas novamente a inclusão se restringe a educação especial, ou seja, não amplia a discussão e necessidade inclusão para as pessoas com transtornos específicos da aprendizagem ou com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. Concluimos essa observação sobre nossa legislação com a criação de uma lei em 2015 que tinha por objetivo dar visibilidade a dislexia. Segundo a Lei nº 13.085/2015:

Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional de Atenção à Dislexia, a ser comemorado no dia 16 de novembro de cada ano. Parágrafo único. O Dia Nacional de Atenção à Dislexia será comemorado com eventos sociais, culturais e educativos destinados a difundir informações sobre a doença, conscientizar a sociedade e mostrar a importância do diagnóstico e tratamento precoces. (BRASIL, 2015).

É uma lei com dois artigos, em seu artigo 2 ela informa que a lei entra em vigor no ato da publicação. Embora a lei mencione eventos sociais, culturais e educacionais para divulgar informações, esta mesma lei não possui um artigo que determine a inserção obrigatória desta comemoração em calendários escolares. Partiremos agora para a compressão das dificuldades da dislexia na escola.

2.4 Dislexia na escola

Veremos nos tópicos a seguir quais as dificuldades encontradas pela pessoa com dislexia no seu processo de educação formal. Segundo o Instituto ABCD (s.d., p. 25-26), as dificuldades da pessoa com dislexia no período da pré-escola é o atraso na aquisição da linguagem, dificuldade em pronunciar alguns fonemas, o atraso ao incorporar novas palavras no vocabulário, em perceber e realizar rimas, em aprender as cores, formas, números, o nome, dificuldade na coordenação motora fina, em contar história, bem como para seguir ordens e rotina.

Já no ensino fundamental, no primeiro ano (série alfabetizadora), as dificuldades são em aprender o alfabeto, em sequência e memória de palavras, planejamento motor das letras e números, com noção temporal, para aprender a ler e soletrar, na orientação espacial (direita, esquerda), na pressão exercida no lápis durante a escrita, em retirar conteúdo do quadro, em diferenciar as letras (p/b, t/d, f/v, k/g, x/j, s/z).

A partir do 3º ano até a conclusão do ensino fundamental, vemos a persistência na dificuldade em soletrar, com rimas, dificuldade em aprender outra língua, no ritmo da leitura, na compreensão de textos em geral, leitura de mapas, produzir textos, tabuada, na conclusão de atividades no prazo, compreender linguagem não verbal e alguns gêneros textuais como piadas e provérbios. No ensino médio persistem as dificuldades do fundamental com a leitura lenta, a falta de compreensão do que se lê, produção textual desarticulada, a falta de atenção ou o excesso de atenção. Observando esses tópicos percebemos que as dificuldades não cessam com o fim da alfabetização e nem estão restritas as aulas de português. Pois todas as disciplinas trabalham o texto.

Voltando o nosso olhar para o aluno com dislexia não diagnosticado, além das dificuldades acadêmicas já mencionadas devemos levar em conta seu estado emocional. Diferente de uma pessoa com deficiência intelectual que não percebe seus equívocos, dificuldades, as pessoas com os transtornos específicos da aprendizagem percebem que algo no seu desenvolvimento não ocorre como esperado e isso gera inseguranças, uma vergonha, um afastamento em determinadas atividades que envolve a leitura e a escrita como ditados, leitura em voz alta, redação etc. Pois não sabe de onde vêm tais dificuldades, torna-se perceptível para estas pessoas que mesmo se esforçando nos estudos o seu desempenho não atinge o mesmo nível que seus pares.

E diante de um baixo rendimento nas atividades afetadas pela dislexia, ou a recusa em realizá-las, pode-se gerar um estigma nesse aluno perante professores e colegas, como alguém desinteressado, preguiçoso, bagunceiro, desatento etc. Que a longo prazo sem o devido diagnóstico pode resultar danos psicológicos mais graves como ansiedade e depressão, bem como danos acadêmicos como a reprovação, evasão, não adesão ao ensino superior. Como aponta o DSM-5,

O transtorno específico da aprendizagem pode ter consequências funcionais negativas ao longo da vida, incluindo baixo desempenho acadêmico, taxas mais altas de evasão do ensino médio, menores taxas de educação superior, níveis altos de sofrimento psicológico e pior saúde mental geral, taxas mais elevadas de desemprego e subemprego e renda menor. Evasão escolar e sintomas depressivos comórbidos aumentam o risco de piores desfechos de saúde mental, incluindo suicidalidade, enquanto altos níveis de apoio social ou emocional predizem melhores desfechos de saúde mental. (2014, p. 73)

2. 5 Desenho Universal para Aprendizagem e adaptação curricular

Uma das estratégias que podem ser utilizadas no processo de aprendizagem das pessoas com dislexia, e os distúrbios de aprendizagem no geral, é o desenho universal para aprendizagem. É pouco falado no Brasil, surgiu nos Estados Unidos no ano de 1999 e foi desenvolvido por David Rose, Anne Meyer e outros pesquisadores do Center for *Applied Special Technology*.

Essa estratégia pode ser usada não apenas com pessoas com dislexia, mas com pessoas neurotípicas e atípicas, pessoas com deficiências, com superdotação, é um desenho que busca incluir a todos. Por exemplo: ao utilizar um filme como recurso em uma aula, com uma turma que possui um aluno cego e outro surdo. Esses alunos não devem fazer uma atividade diferente, ser excluídos, dentro dessa perspectiva o professor deve escolher um filme com áudio descrição e legenda em português para que todos os alunos consigam assistir. No DUA tudo é pensado de modo a incluir desde a construção de um material didático, um plano de aula, o currículo, o espaço físico etc. “O DUA consiste na elaboração de estratégias para acessibilidade de todos, tanto em termos físicos quanto em termos de serviços, produtos e soluções educacionais para que todos possam aprender sem barreiras” (Cast UDL, 2006 apud Zerbato e Mendes, 2018 p.149-150).

A utilização do desenho universal da aprendizagem é de grande importância para a inclusão, mas não descarta a necessidade de algumas adaptações pedagógicas em sala de aula. Dividiremos as adaptações possíveis para as pessoas com dislexia em dois tópicos, avaliação, postura do professor, com base nos elementos encontrado em (Borba; Braggio, s.d.). Adaptações avaliativas: as provas devem ser escritas e de caráter operatório, provas orais e teses, observação de comportamento, sempre devem ter a mesma fonte ex.: Arial 12, evitar textos longos, fazer utilização de imagens que favoreçam a compressão, maior prazo de conclusão das avaliações escritas.

Sobre a postura do professor: deve tratar o aluno disléxico com naturalidade, usar a linguagem direta, clara e objetiva quando falar com ele, trazê-lo para perto da lousa e da mesa do professor e assim poder prestar-lhe mais auxílio, verificar sempre e

discretamente se ele demonstra estar entendendo, certifique-se de que as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas, com discrição observar se ele fez as anotações da lousa e de maneira correta antes de apagá-la, estimule-o, incentive-o, faça-o acreditar em si, dar atalhos e jeitos de fazer as atividades, evitar atividades que o exponham como leitura em voz alta para a turma, soletração para turma, dar-lhe mais tempo para executar as atividades.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa escolhido foi a pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória. Pois é a pesquisa que melhor se enquadrava neste movimento de olhar para o interior, para aquilo que a UFPB tem produzido e suas contribuições sobre o tema. Também se trata de uma pesquisa que requer menos recursos para ser realizada, pois é realizada a partir de material já produzido como livros, artigos, TCCs, teses, dissertações. Como afirma Gil (2008, p. 50)

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

O material bibliográfico utilizado na pesquisa foi extraído do repositório acadêmico da UFPB, pois o trabalho buscava identificar as contribuições da instituição para o processo de ensino e aprendizado de alunos com dislexia. Ao analisarmos esse material também nos deu maior compreensão do lugar que este tema possui na formação de nossos novos pedagogos. Não buscamos um grande volume de material, mas sua qualidade, aquilo que tinha o processo de ensino e aprendizagem como foco, favorecendo as discussões e nos dando mais clareza acerca do tema.

Seguindo as etapas indicadas por “Miles e Huberman (1994), numa das mais conhecidas obras que tratam da pesquisa qualitativa, apresentam três etapas que geralmente são seguidas na análise de dados: redução, exibição e conclusão/verificação” (Gil, 2008, p. 175).

Outro critério para a escolha do material foi o prazo de dez anos de publicação, visando a melhor atualização teórica e científica, pois a ciência está em constante evolução e as novas publicações tendem a refletir os avanços teóricos e metodológicos. Mas encontramos também nesses dez anos um aspecto simbólico, pois dentro deste prazo uma turma de crianças conclui a etapa do ensino fundamental, neste prazo também duas turmas de pedagogos, não havendo nenhuma intercorrência no processo formativo, são formadas.

A pesquisa também possui um aspecto exploratório, frequentemente ligada a pesquisa bibliográfica, visto que o tema da dislexia é abordado de forma limitada dentro da graduação, pois só é mencionado na disciplina de educação especial para fazer a distinção dos transtornos específicos da aprendizagem e o público-alvo da educação especial. Em nosso atual currículo, ainda possuímos uma disciplina optativa de 60h, distúrbios da aprendizagem. Segundo Gil (2008, p. 27)

Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.

3. 2 Instrumentos/técnicas de produção e coleta de dados

A coleta de dado se deu pela leitura das fontes encontradas no repositório da instituição e fichamento das fontes selecionadas, também foi adotado dois tipos de fichas: a de resumo e a de citações para análise e maior aprofundamento. Pois como diz Prodanov e Freitas (2013, p. 134)

O fichamento é uma técnica de trabalho que consiste em documentar as ideias e informações de uma obra. A importância do fichamento para a assimilação e a produção do conhecimento por acadêmicos e pesquisadores é dada pela necessidade de manipular uma considerável quantidade de material bibliográfico.

As ideias e informações coletadas foram organizadas em tabela, pois deste modo é mais fácil a exposição e compreensão de dados relevantes extraídos no trabalho de revisão bibliográfica. “A finalidade básica da tabela é resumir ou sintetizar dados de maneira a fornecer o máximo de informações num mínimo de espaço. São

elementos demonstrativos de síntese, que constituem unidade autônoma.” (Prodanov e Freitas, 2013, p. 208)

3.3 Análise e discussão dos dados da pesquisa

Agora discutiremos os dados da pesquisa que inicialmente seria restrita ao curso de pedagogia, mas na busca realizada no repositório institucional do curso de pedagogia da UFPB foram identificados apenas três trabalhos. Ao identificar o baixo quantitativo de trabalho, resolveu-se ampliar a procura para todo o repositório institucional, pois mesmo que o trabalho seja de cunho qualitativa ainda se faz necessário um certo volume de trabalhos para fazer o processo de seleção.

Após essa decisão uma nova busca foi realizada, na página do repositório institucional da UFPB no campo (pesquisar em) foi colocado (pesquisar em todo o repositório), não fazendo a separação por curso. Os descritores utilizados na pesquisa foram as palavras (dislexia, ensino e aprendizagem, dificuldade de aprendizagem) e foram encontradas 27 páginas de arquivos que totalizavam 266 trabalhos, eram dissertação, teses e TCC, sendo o último a maioria.

Dos trabalhos encontrados 16 eram sobre a dislexia. Foram cortados 6 trabalhos por estarem fora do recorte temporal (2016 a 2026) estipulado para o processo de análise. Um trabalho de Letras Espanhol que abordava a dislexia e os desafios do professor de língua portuguesa, orientado pela professora Sandra Santiago (docente do centro de educação), apresentou um erro e não era possível acessá-lo pelo site do repositório. Mais 3 trabalhos foram cortados, dentre eles uma dissertação, por estarem afastados da pedagogia e mais inseridos em suas respectivas áreas, sendo elas: Direito, Psicopedagogia e Letras. Mais 1 trabalho de Letras, da modalidade a distância, foi cortado por abordar outras dificuldades além da dislexia. Resultando na escolha de 5 trabalhos para serem analisados.

Uma observação sobre essa etapa em que a pesquisa ocorreu (em todo o repositório), nos foram entregues mais trabalhos da pedagogia nesta busca do que na

primeira realizada no repositório da pedagogia. A seguir a tabela apresenta os trabalhos escolhidos.

Nº	Autor	Ano	Título	Área	Tipo
1	Aldinéia Beatriz de Oliveira Nascimento	2024	Análise bibliográfica sobre estratégias pedagógicas para crianças com dislexia	Pedagogia	TCC
2	Danielle Andrade de Albuquerque, Janaciara Kely Fontes de Lima, Luciene Maria Gonçalves	2017	Dislexia e educação infantil: refletindo sobre o olhar dos professores	Pedagogia	TCC
3	Ayane Shirley Pereira Leite	2021	A mediação docente na aprendizagem e desenvolvimento de um estudante com dislexia: uma análise do filme “Como estrelas na terra, toda criança é especial”	Pedagogia	TCC
4	Fabiana Maria Soares da Silva	2016	Intervenção psicopedagógica com criança disléxica: um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba	Psicopedagogia	TCC
5	Janyly Gadelha de Lima	2020	Inclusão escolar: um olhar sobre a dislexia e o papel da escola	Pedagogia Modalidade a distância	TCC

Por uma questão didática e organização estrutural deste capítulo usaremos a classificação numérica de 1 a 5 da primeira coluna da tabela para nos referir aos respectivos trabalhos. A segunda coluna da tabela é reservada para o (autor) e podemos observar que todos os trabalhos foram escritos por mulheres, o que é algo esperado e comum, pois o curso de pedagogia é predominantemente feminino. Segundo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2025, apud Eidelwein et al., 2025), as mulheres representam a maioria na docência, desde a creche até o Ensino Médio, bem como na gestão. Isso ocorre por fatores históricos e sociais.

A área da docência inicialmente era um espaço masculino, mas os homens foram migrando para outras áreas do conhecimento e consequentemente os espaços deixados por eles na docência foram ocupados pelas mulheres. Com o passar dos anos, a pedagogia foi ganhando o estigma de vocação, mais precisamente a vocação feminina, fazendo a sociedade olhar para esta área de atuação como um espaço feminino. Para as mulheres era como ter um aval da sociedade para ingressar na educação superior e ter uma profissão. Segundo Almeida (1996, p. 74, apud Daquino; Tortato, 2024)

“ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência”.

Entendemos aqui como os fatores sociais que levavam as mulheres a escolher a pedagogia, a partir do cenário histórico exposto, como a busca por uma profissionalização e independência financeira, um outro aspecto que deve ser levado em consideração é a possibilidade de conciliar com mais facilidade a vida pessoal e profissional. De acordo com Azevedo (2018, p. 8, apud Daquino; Tortato, 2024), “a ideia presente no imaginário coletivo de que a carreira de educadora permite à mulher conciliar os papéis de esposa, mãe e profissional”.

Mas não só a pedagogia tem essa presença marcante das mulheres, pois sua participação vem crescendo em muitas áreas, mas ela ainda é predominante em áreas que possuem fortemente enraizadas as dimensões da instrução e cuidado. Alguns exemplos são a psicopedagogia, a psicologia, a enfermagem, serviços sociais. Como aponta o Conselho Nacional das Secretarias Municipais de Saúde (2020, apud Eidelwein et al., 2025), ao afirmar que as mulheres são a principal força de trabalho no Sistema Único de Saúde.

A terceira coluna da tabela indica o (ano) de publicação dos trabalhos, são eles: 2016, 2017, 2020, 2021 e 2024.

Ao observar a linha temporal das publicações, vemos que duas delas (2016, 2017) são de anos subsequentes, seguida de uma pausa de três anos nas discussões e produções acerca do tema. Após os três anos, vieram mais duas publicações nos anos

de (2020, 2021), para enfim chegar ao trabalho mais recente (2024). Ao analisar o tempo de publicação entre estes cinco trabalhos, percebemos que não há uma frequência nessas produções.

Partindo para a observação da quarta coluna (títulos), vemos que as autoras abordam uma variedade aspectos do campo da dislexia como: estratégias pedagógicas para crianças com dislexia, dislexia e educação infantil, a mediação docente na aprendizagem e desenvolvimento de um estudante com dislexia, uma intervenção psicopedagógica com criança disléxica e inclusão escolar.

Ainda que haja essa diversificação os trabalhos mantem-se centrados em três eixos: as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da dislexia, a importância e o papel do professor na mediação desse processo de ensino-aprendizagem, e as estratégias pedagógicas específicas.

Anteriormente na fundamentação abordamos brevemente o processo de ensino e aprendizagem em algumas perspectivas dentre elas a teoria de Piaget que fala sobre esquemas mentais, assimilação e acomodação, agora voltamos nosso olhar para esses eixos da mediação docente e estratégias pedagógicas. Segundo a afirmação de Balestra (2005) sobre o papel do professor na teoria de Piaget

Nela, a atuação do educador é de relevante importância na medida em que será ele o responsável pela qualidade das interações estabelecidas na sala de aula. É por isso que as relações entre o educando e o objeto do conhecimento, entre os próprios alunos e entre estes e o professor dependem dessa mediação (do professor). (Balestra, 2005, p. 5).

Balestra (2005) traz ainda em suas reflexões sobre a teoria piagetiana que o professor deve ter o domínio do objeto de conhecimento para alcançar resultados satisfatórios em sua mediação pedagógica. Ela enfatiza também a necessidade de aulas mais dinâmicas que se afastem do modelo tradicional, nesse contexto, podemos pensar em estratégias pedagógicas como o uso dos jogos e atividades práticas que trabalhem o corpo, favorecendo assim mediação pedagógica. Ademais, preza principalmente pelo respeito à individualidade dos alunos. O professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem nessa perspectiva corresponde às demandas de quem tem dislexia que

precisa de um olhar mais sensível às suas dificuldades e necessidades, bem como do respeito ao seu ritmo de aprendizagem.

A quinta coluna apresenta as (áreas), a maioria dos trabalhos na tabela são da área da pedagogia e há um trabalho oriundo da área de psicopedagogia. Essas duas áreas do conhecimento são muito próximas, e em certos aspectos se complementam. A pedagogia vai atuar diretamente na relação de ensino-aprendizagem, formando docentes para entender, pesquisar atuar e nessa relação. Já a psicopedagogia tem seu campo de pesquisa voltado para a aprendizagem e a não aprendizagem. Mas nem todo trabalho encontrado na psicopedagogia se encaixava no nosso requisito para análise, a exemplo daquele que foi cortado por estar muito inserido na área clínica.

Já os trabalhos da pedagogia que foram encontrados, foi uma grata surpresa visto que na pesquisa inicial o nosso sistema só apresentou três trabalhos, sendo um deles com mais de dez anos de publicação. Algo a se destacar é que não foram encontrados trabalhos sobre a dislexia das áreas de psicologia, fonoaudiologia, neurologia, essas são áreas que deveriam também estudar esse tema pois eles compõem junto com a psicopedagogia o corpo de profissionais que fecham o diagnóstico. Segundo Nico (2005, apud Oliveira, 2016, p. 7)

ele sugere que o diagnóstico da dislexia seja feito por um psicólogo, fonoaudiólogo, um psicopedagogo e um neurologista, ou seja, por uma equipe multidisciplinar, pois dessa forma não se consegue apenas o diagnóstico e sim também para afirmar ou excluir elementos coexistentes de importância para o tratamento.

Os trabalhos desses cursos seriam mais difíceis de se encaixar nos nossos requisitos para análise, mas isso não os descartaria para o estudo, enriquecimento do referencial teórico e citações. Aqui levantamos um questionamento, a temática realmente não é discutida na nossa instituição fora da pedagogia e psicopedagogia ou mais uma vez nosso sistema foi falho ao entregar aquilo que foi buscado?

Ao analisar as áreas dos trabalhos constatou-se que possuem origem no Centro de Educação (CE). Vale destacar que o trabalho, descartado por erro do sistema, de letras espanhol, pertencente ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Entretanto,

este trabalho encontrou sua orientação dentro do CE. Esses dados demonstram que o Centro de Educação é protagonista nas discussões sobre a dislexia.

No que se refere a formação do pedagogo, é importante refletirmos a organização do curso de pedagogia da UFPB, pois foi ele quem deu maior contribuição para análise e discussão, e fazer alguns apontamentos.

O curso de pedagogia da UFPB é ofertado na modalidade presencial, a distância e pedagogia do campo. O curso no campus 1 é ofertado nos turnos da manhã, tarde e noite, o que demonstra uma grande procura da sociedade. Ele possui 8 períodos e um tempo médio de duração de 4 anos.

As disciplinas na grade curricular se distribuem da seguinte forma: 1 período (filosofia da educação I, história da educação I, Sociologia da educação I, psicologia da educação I, metodologia do trabalho científico, economia da educação, seminário temático I). 2 períodos (filosofia da ed. II, história da ed. II, sociologia da ed. II, psicologia da ed. II, fundamentos epistemológicos da educação, educação e diversidade cultural, seminário temático II). 3 períodos (política ed. da ed. básica, ed. E trabalho, ed. e tecnologia, currículo do trabalho pedagógico, pesquisa educacional, educação especial, seminário temático III). 4 períodos (planejamento educacional, avaliação da aprendizagem, didática, educação de jovens e adultos, gestão educacional, estágio supervisionado I, seminário temático IV). 5 períodos (corpo ambiente e educação, língua e literatura, linguagem e interação, ensino de artes, organização e prática da ed. infantil, estágio supervisionado II, seminário temático V). 6 períodos (ensino de português, ensino de matemática, ensino de ciências, org. e prática do ensino fundamental, estágio supervisionado III, seminário temático VI). 7 períodos (ensino de história, ensino de geografia, TCC I, optativa, estágio supervisionado IV, libras, seminário temático VII). 8 períodos (área de aprofundamento, área de aprofundamento, estágio supervisionado V, optativa, TCC II).

A maioria das disciplinas possuem carga horária de 60 h, com exceção dos seminários temáticos, TCC I e II que possuem 30 h. Existem duas opções de áreas de aprofundamento para os estudantes, educação especial ou educação de jovens e adultos. O curso disponibiliza ainda um grupo de 23 disciplinas das quais serão

escolhidas 2 para cursar como disciplina optativa obrigatória, é dentro deste grupo que se encontra a disciplina (distúrbios de aprendizagem) nela estudamos os transtornos específicos da aprendizagem (dislexia, discalculia, disgrafia e disortografia).

Apresentada a grade, façamos alguns apontamentos. Sobre a disciplina de distúrbios de aprendizagem que trata de um tema tão relevante para a formação do pedagogo, ela não se encontra na grade curricular obrigatória. Foi colocada em uma posição onde os alunos podem escolher não cursá-la. Para quem não a escolheu como disciplina optativa só verá algo sobre os transtornos específicos da aprendizagem em educação especial, mas de forma breve, apenas para saber que eles não são o público-alvo da educação especial. Olhar para esse panorama do curso nos faz ter mais compreensão do porquê a dislexia não ser tão discutida e pesquisada.

Para concluir a análise dos dados, vamos para a sexta coluna (tipo) de trabalho. Como já foi apontado, o maior volume de trabalhos era de TCC, o que resulta na maior probabilidade de os trabalhos analisados serem TCCs. A partir do que vimos até aqui, é possível concluir que a dislexia não tem sido pesquisada, com frequência, para produzir trabalhos de conclusão de curso e consequentemente as pesquisas mais profundas como teses e dissertações se torna algo ainda mais distante.

Agora apresentaremos os objetivos gerais de cada autora bem como o caminho adotado por elas para alcançar esses objetivos, e, posteriormente, discutiremos os seguintes eixos encontrados nos trabalhos: (A) as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da dislexia, (B) a importância e o papel do professor na mediação desse processo de ensino-aprendizagem, (C) e as estratégias pedagógicas específicas.

O trabalho (1) Nascimento (2024), tinha como objetivo geral analisar as estratégias didático pedagógicas para crianças com dislexia em ambiente escolar evidenciadas por estudo científico, o caminho tomado pela autora para fazer tal análise foi a pesquisa bibliográfica de cunho descritivo e exploratório, a conclusão da autora é que as abordagens pedagógicas mais eficazes para o ensino de alunos com dislexia incluem o uso de metodologias multissensoriais, atividades com intervenção fonológica, ensino estruturado e sistemático, bem como o apoio individualizado. Ela também

apresenta um manual para contribuir na formação dos professores e no seu uso em sala de aula.

O objetivo de (2) Albuquerque; Lima; Gonçalves (2017) foi analisar qual a visão dos professores da educação infantil sobre a dislexia e a metodologia adotada por elas foi uma pesquisa de revisão bibliográfica e pesquisa de campo, dentro de uma abordagem qualitativa. A pesquisa de campo ocorre em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) na cidade de João Pessoa, elas utilizaram como instrumento um questionário formulado estruturalmente por seis questões mistas aplicado as professoras da instituição. Na conclusão do trabalho as autoras constataam que parte dos professores participantes não compreendem o que é a dislexia e suas repercussões na vida de uma criança, e como consequência não sabem e não conseguem realizar ações que melhorem o processo de aprendizagem do aluno disléxico. As repostas obtidas por elas nos questionários são muito diferentes do que diz a literatura sobre a dislexia. As autoras denunciam a necessidade de formação continuada para os professores, pois seu conhecimento demonstra a ausência do estudo sobre a dislexia na graduação dos entrevistados.

Já o trabalho de (3) Leite (2021), tinha como objetivo analisar o papel da mediação docente no processo de aprendizado e desenvolvimento de um estudante com dislexia. Para isso, ela realizou uma análise fílmica, seguindo os passos da identificação do tema, resumo da história e da decomposição do filme, relacionando-o com o tema identificado. A autora conclui que prática pedagógica utilizada pelo professor interfere fortemente na aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Pode-se observar que ao utilizar uma metodologia inadequada, em que não era levado em conta as necessidades específicas do estudante com dislexia, ele não conseguiu aprender e não avançou no desenvolvimento.

O trabalho de (4) Silva (2016) se propunha a discutir o papel das intervenções psicopedagógicas e multidisciplinares como mediação para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança disléxica na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba, bem como, conhecer o processo de aprendizagem e sociabilidade da criança disléxica; contribuir com a leitura e escrita da

criança disléxica e desenvolver método. A metodologia adotada pela autora foi uma pesquisa empírica do tipo estudo de caso, usando método descritivo com análise dos dados na concepção hipotética dedutiva, realizada na Escola de Educação Básica da UFPB, através de observação em sala de aula, onde foi destacado o desempenho intelectual da criança, bem como suas interações com os colegas e com a professora.

A autora ao final do trabalho compreendeu a importância da ludicidade como um método eficaz para o processo de ensino-aprendizagem de crianças com dislexia, bem como os métodos fônicos e multissensoriais que se mostra como fundamentais para que a criança aprenda com o apoio sonoro e dos outros sentidos facilitando a aquisição do conhecimento no indivíduo léxico.

Para concluir, o trabalho de (5) Lima (2020), tinha por objetivo analisar como os contextos educacionais e legais tratam a questão da educação inclusiva e o papel da escola nesse processo. A metodologia que adotada por ela foi a pesquisa bibliográfica com o apoio de importantes autores, na qual as suas contribuições foram relevantes para as reflexões levantadas ao longo desse estudo. A autora aponta em sua reflexão final para uma compreensão sobre a importância de conhecermos a legislação e os direitos das crianças e adolescentes, na perspectiva de uma educação inclusiva no âmbito escolar. A aplicação de um currículo igual, dentro de uma classe heterogênea, evita a discriminação de qualquer tipo, contribuindo para superar as dificuldades de aprendizagem. A escola inclusiva é resultado de uma parceria entre gestor, professor, todos os profissionais da educação e a família, sendo algo decisivo para a cidadania.

No eixo (A) as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem da dislexia. O trabalho (1) contribui identificando as dificuldades de leitura, escrita, compreensão, memória, organização, relações sociais e autoestima. Como podemos observar na citação a seguir:

[...]ele também traz problemas de autoestima, dificuldades na memória de trabalho, na lateralidade e nas dimensões, desempenho escolar prejudicado, dificuldade na organização e planejamento, problemas de coordenação motora fina, dificuldade com a linguagem oral, desafios na compreensão de textos complexos e até problemas sociais, podendo levá-los a se acharem com menos inteligência que os outros, acarretando o seu afastamento dos colegas, começando a se excluírem ou a serem excluídos do meio social, e até sofrerem

bullying daqueles que não entendem como esse tipo de transtorno pode afetar na pessoa. (Nascimento, 2024, p.10)

Nesta citação vemos que mais do que a leitura e escrita, a dislexia afeta outros aspectos do desenvolvimento do aluno, é possível ver o peso destas dificuldades na confiança do aluno e em seu desenvolvimento emocional. Como já foi falado neste trabalho, as pessoas com dislexia ainda que não saibam seu diagnóstico tem uma percepção que algo fora do comum ocorre com elas e isso gera vergonha e insegurança. Esse estado emocional enquanto crianças pode levá-los a desistir de atividades interferindo no seu desenvolvimento, enquanto adultos pode levá-los a desistir de oportunidades de estudo e trabalho.

Alunos disléxicos podem evitar participar de atividades coletivas ou ler em voz alta, temendo julgamentos ou a exposição de suas dificuldades causando barreiras psicológicas que afetam sua autoconfiança e participação nas atividades escolares. (Nascimento, 2024, p.19)

No que se refere as dificuldades de leitura e escrita, Nascimento (2024) destaca na próxima citação mais do que a dificuldade com a leitura e escrita, ela aponta as competências que são afetadas nesses dois campos. Nos possibilitando ter um olhar mais atento ao que ocorre com o aluno em seu processo de alfabetização.

Os disléxicos apresentam dificuldades, seja na leitura oral ou silenciosa, omitindo, substituindo ou trocando algumas letras das palavras, lentidão e da falta de compreensão do que se está lendo, e na escrita, não conseguindo relacionar as letras com os sons na formação das palavras, e essa dificuldade se dá em graus diferentes. (Nascimento, 2024, p.14).

O (2) trabalho por sua vez, nos mostra um outro tipo de dificuldade, aquela que é agravada pelo meio onde estamos inseridos. Quando não se tem o preparo para agir diante da dislexia e não há uma preocupação em buscar este preparo.

Na escola, sempre houve disléxicos, e muitas vezes, os alunos com esse distúrbio não foram e não são identificados, nem tratados da maneira correta. Em vez de uma abordagem pedagógica favorável, o que o aluno acaba recebendo é, em alguns casos, conteúdos e metodologias que não condizem com as necessidades das crianças e, assim, suas dificuldades de aprendizagem tendem a se intensificar e perpetuar. (Albuquerque; Lima; Gonçalves, 2017, p. 20).

Corroborando com o que diz Albuquerque; Lima e Gonçalves (2017), a autora do texto (3) vem falar de quando insistimos em práticas inadequadas, incompatíveis com a individualidade dos alunos, tem-se nesse contexto um fracasso no desenvolvimento do aluno e a culpa por esse fracasso sempre recai sobre o próprio estudante.

Nas práticas educacionais tradicionais, não se busca compreender as dificuldades do aluno, não há um olhar atento e não é dada atenção aos interesses particulares de cada um, todo conteúdo é passado igualmente e cada aluno é responsável por absorvê-lo exatamente como é transmitido. (Leite, 2021, p. 41)

Essa postura rígida em relação as práticas não favorecem o processo de alfabetização da criança com dislexia, pois essa fase da educação se mostra desafiadora para esses alunos. Um período em que suas dificuldades, inabilidades se tornam gritantes. Se faz necessário resiliência por parte das escolas e educadores para que possam realizar as adaptações necessárias, bem como uma aproximação da prática aos interesses dos alunos. Para tornar este processo menos doloroso, traumático. Como podemos ver na citação do trabalho (4) Silva (2016)

A alfabetização para a criança disléxica é bastante complicada, pois é a partir desta que se evidenciam as dificuldades, limitações e a cobrança de aprender a leitura e concomitantemente a escrita, o que para muitas crianças é um processo fácil e natural, para o disléxico é difícil e doloroso. A carência de compreensão e armazenamento de palavras no léxico dificulta demasiadamente o sucesso escolar sendo este problema insistente mesmo desfrutando de um contexto favorável. (Silva, 2016, p. 10)

Para a última contribuição neste primeiro eixo, está citação do último trabalho (5) que nos recorda que as dificuldades advindas da dislexia não são passageiras, mas perenes. Embora realizemos adaptações, estratégias, ainda que o próprio cérebro do indivíduo encontre caminhos, a dificuldade não desaparece.

As características são por fases. Quando bebê, a criança não tem interesse no que é trabalhado no ensino infantil, nas séries iniciais do fundamental, as características passam a serem mais notórias, as crianças passam a cometer erros na leitura, e a falta de associação de letras, até mesmo a dificuldade de ler palavras simples e chegam a não querer ler nada. Já na fase adulta, muitos não concluem nem o ensino médio, em grande parte não sabe nem o diagnóstico, e, também, se sentem incapacitados de concluir os estudos. (Lima, 2020, p. 22–23)

Vamos agora as observações do eixo (B) a importância e o papel do professor na mediação desse processo de ensino-aprendizagem. No (1) trabalho, Nascimento (2024) nos traz uma problemática sobre a necessidade de formação continuada para os professores. Pois existe no meio docente, devido a lacunas em suas graduações, a falta de capacitação sobre os transtornos específicos da aprendizagem, ela também sinaliza a responsabilidade das instituições em auxiliar os docentes nesse processo formativo.

A falta de preparo de algumas escolas para lidar com a dislexia é outro dilema enfrentado. Muitas vezes, a escola não oferece as ferramentas adequadas e o apoio que precisam, como uma equipe multidisciplinar e formação continuada para os seus professores, para que assim eles consigam identificar e lidar melhor com a dislexia, o que acaba prejudicando a trajetória escolar dos alunos afetados. (Nascimento, 2024, p.15)

Já no texto (2) as autoras concordam com Nascimento (2024) sobre a necessidade de formação continuada e que o pedagogo tenha uma gama de informações sobre a dislexia e outros transtornos específicos da aprendizagem a sua disposição. A citação a seguir nos possibilita refletir sobre a busca pela formação:

Deste modo, a formação continuada é extremamente importante e não depende da instituição onde o professor está vinculado. É indispensável que ele busque melhorar sua qualificação profissional, atualizando-se e aprofundando conhecimentos na área onde atua. (Albuquerque; Lima; Gonçalves, 2017, p. 35).

Com esta fala, compreendemos que o professor não deve ficar inerte diante da falta de formação por parte das instituições. Se estas não correspondem a necessidade formativa, o professor deve ser o protagonista em seu caminho formativo. Aqui pensamos sempre na possibilidade de um mestrado, um doutorado, em especializações, na compra de cursos. Mas há um espaço de acesso ao conhecimento em que não é necessário pagar ou disputar uma vaga para estudar. Esses espaços são os repositórios acadêmicos, plataformas como Scielo, Google Acadêmico, a biblioteca digital brasileira de teses e dissertações, pois o acesso a essas plataformas não estão fechadas para quem concluiu a graduação.

Obviamente que entrar em alguma instituição para dar continuidade a sua formação após a graduação é de suma importância, mas em caso de haver a impossibilidade de o docente ingressar em uma instituição, encontramos nos espaços

de produção de conhecimento uma alternativa confiável para estudo. A citação abaixo se trata de um recorte da análise das autoras e indica a falta de conhecimento sobre a dislexia das professoras entrevistadas.

A partir dos dados levantados, percebemos que 80% das professoras que se disponibilizaram a responder a pesquisa disseram que sabem o que é dislexia. Porém, é importante considerar que mesmo respondendo afirmativamente, nas questões explicativas pudemos perceber incorreções, imprecisões e equívocos nas respostas explicativas dadas pelos sujeitos da pesquisa. (Albuquerque; Lima; Gonçalves, 2017, p. 37).

No trabalho (3), baseado na prática do professor (fictício), a análise vai dizer como deveria ser a prática, mediação pedagógica de um professor que possui conhecimento sobre a dislexia.

No trabalho realizado pelo professor Nikumbh, vê-se o quão importante é, o seu papel no desenvolvimento do aluno, ele organiza as ações de acordo com a necessidade do aluno, investiga e identifica quais são as dificuldades que o impedem de aprender, e é com base nessas informações que ele planeja, elabora e aplica uma série de atividades que contemplam as necessidades do estudante, intervindo em sua ZDP. (Leite, 2021, p. 45)

O trabalho (4) apresenta na citação a fala da professora do estudo de caso, que junto a citação de Leite (2021) fazem um contraste ao que foi apresentado no (2) trabalho sobre o conhecimento das professoras e consequentemente sobre sua atuação.

Segundo Silva (2016, p. 24), ao relatar a prática da professora, eu geralmente faço atividades de forma oral com ela, peço para que leia palavras simples, que me explique o que entendeu, ajudo na identificação dos sons, sempre coloco ela em dupla nas tarefas mais complexas, e algumas vezes, elaboro atividades diferenciadas, mas isso é raro, pois ela quer fazer igual ao das colegas, acredito que para não se sentir inferior. Mas ela sempre surpreende, não há limites para o desenvolvimento dela, ela está atenta a tudo e tem muita vontade de aprender! (PROFESSORA).

Aqui temos uma prática real de uma professora que conhece as dificuldades e as potencialidades de sua aluna. Que apoiada em seu conhecimento consegue ter uma boa atuação, adequando o que é necessário, desafiando a aluna para o seu desenvolvimento, mas respeitando o seu ritmo de aprendizagem. Isso tudo vai de encontro ao texto (5)

[...] a tarefa da escola e do professor corresponde em traçar estratégias de ensino que tenha condições efetivas de favorecer a aprendizagem do aluno, partindo do seu diagnóstico e conhecedores das peculiaridades presentes no aluno com dislexia, visando à produção de materiais didáticos e pedagógicos que contribuam para sanar as dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita do aluno. (Lima, 2020, p. 28)

Em síntese os trabalhos dizem que o professor necessita de conhecimento para ter uma boa atuação no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com dislexia, pois são eles quem planejam, avaliam, fazem adaptações, produzem recursos. Mais do que o conhecimento sobre a dislexia é necessário conhecer o próprio aluno, sua realidade, interesses, dificuldades, o caminho adotado por ele na resolução de problemas, suas qualidades.

No eixo (C) as estratégias pedagógicas específicas, as contribuições da autora (1) são notáveis com a produção um manual, que apresenta estratégias de ensino que podem ser usadas em uma sala de aula. Neste ponto da análise do trabalho, ela apresenta duas tabelas com base nos seus estudos, uma com a estimulação de consciência fonológica trazendo as habilidades e estratégias pedagógicas. A outra com habilidades, dificuldades, estratégias pedagógicas, atividade/Jogo. Essas tabelas auxiliam bastante o pedagogo que não tem familiaridade com a dislexia. A seguir ela explica como deve ser as estratégias pedagógicas:

As estratégias pedagógicas para crianças com dislexia no ensino fundamental envolvem abordagens que focam na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e escrita por meio de métodos multissensoriais, fônicos e cognitivos. Análises dessas abordagens mostram que atividades que integram sons, movimentos e imagens facilitam o reconhecimento de letras e palavras. (Nascimento, 2024, p.22)

Sobre os métodos multissensoriais, segundo o dicionário Aulete, multissensorial é “que envolve ou implica dois ou mais estímulos sensoriais simultaneamente” (Aulete, s.d.). A atuação com esse método propicia aulas mais dinâmicas, nas quais o contato com o objeto do conhecimento acontece por intermédio dos diferentes sentidos. Desse modo, é possível fazer relação dessa abordagem aos estilos de aprendizagem VARK, já abordados neste trabalho, visto que os indivíduos possuem maior facilidade de assimilação por meio de determinados canais sensoriais. Desta forma, quando adotamos

uma abordagem multissensorial e não nos limitamos a uma única abordagem, ampliam-se as possibilidades de aprendizagem, não apenas para estudantes com dislexia, mas para toda a turma. Como podemos ver na citação do (2) texto.

Como as crianças disléxicas sentem dificuldade para ler e interpretar textos, os conteúdos serão mais bem aprendidos se apresentados de forma a estimular os sentidos de tato, paladar, visão e sensação. Portanto, além dos livros, o professor deve trabalhar também com apresentação de slides, filmes educativos e outros recursos multimídia. (Albuquerque; LIMA; GONÇALVES, 2017, p. 22).

Um excelente exemplo do que as autoras anteriores abordaram é a observação feita no trabalho (3) da prática do professor do filme.

[...] o professor elabora diversas atividades: ele utiliza recursos táteis – como caixa de areia para a escrita sensorial; o uso de massinha de modelar, para modelagem das letras, permitindo que as tornem palpáveis; recursos visuais – sempre utiliza muitas cores na pintura e na escrita, que são inclusive, elementos que o estudante gosta bastante; recursos sensório-perceptíveis – utilizando as escadas para realizar operações matemáticas, ao subir os degraus (soma), ao descer (subtrai); recursos auditivos – como a gravação de leituras para que ele pudesse acompanhar os seus livros; recursos motores – realizando a escrita inicialmente grande e reduzindo gradativamente, para que ele desenvolva a coordenação motora fina. (Leite, 2021, p. 45)

O filme ilustra como pode ser rica a atuação docente e como há uma diversidade de recursos que podem ser usados em sala de aula para favorecer a aprendizagem. Não se trata de algo impossível de adquirir ou de se produzir. Já o texto (4) apresenta os jogos como uma estratégia efetiva.

Os jogos trazem competências de atenção, memória, cognição, percepção, raciocínio lógico, tomada de decisão e assim as crianças aprendem com os erros, se adaptam regras, estimula o interesse da criança, a curiosidade, a motivação e a competitividade, tal como os professores devem pensar não apenas em passar o conteúdo de qualquer forma e a todo custo, mas procurar conciliar o que é satisfatório e cômodo ao estudante, pois a aprendizagem através do brincar possibilita sair um pouco do tradicionalismo, para uma perspectiva dinamizada. Outros métodos são bastante eficazes para o desenvolvimento satisfatório da aprendizagem, tal como o método fônico e o método multissensorial. (Silva, 2016, p. 15)

Observamos na citação de Silva (2016), bem como no trabalho (1) a menção ao método fônico como um dos elementos adotados no processo de alfabetização. Mas o

que seria este método? Para Moraes (2004 apud Costa, 2023) o Método Fônico se caracteriza por ensinar de um modo sistemático e explícito as correspondências entre as letras e seus sons. De forma resumida esse método para alcançar o domínio da tecnologia escrita (alfabetização), apresenta os sons associando-os aos grafemas e segue uma sequência lógica iniciando dos sons mais fáceis (vogais) para os mais difíceis (consoantes mais complexas), ou seja, não segue a ordem alfabética tradicionalmente trabalhada em outros métodos. Dando segmento trabalha o encontro desses fonemas e grafema (encontro vocálicos, sílabas). Resultando na decodificação e codificação do sistema alfabético. É uma metodologia lógica já que o alfabeto se trata do sistema de notação dos sons da fala. Se faz necessário destacar que o método se mostra eficiente para o domínio da tecnologia escrita, mas deve caminhar em conjunto com letramento pois ele “é o estado ou a condição de quem sabe não apenas ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (Soares, 2017a apud Bertoldi, 2020, p. 4). Ainda sobre o método fônico a citação a seguir aponta algumas habilidades beneficiadas com essa abordagem. De acordo com Capovilla e Seabra (2011 apud Costa, 2023)

a presente teoria se apoia na constatação experimental de que os alunos que apresentam dificuldades no processo de leitura e escrita têm dificuldades relacionadas em discriminar, segmentar e manipular, de uma maneira consciente, os sons da fala.

Como já foi discutido até aqui estas fazem parte das habilidades afetadas pela dislexia, ou seja, é um método que desde o início atua sobre as dificuldades do aluno. O trabalho (4) nos traz ainda em um relato da professora um elemento que passa despercebido quando falamos sobre estratégias para as pessoas com dislexia. Segundo Silva (2016, p. 22)

ao relatar sua prática docente, a professora afirma que “[...] Eu gostaria muito que houvesse uma auxiliar em sala para que eu pudesse fazer um acompanhamento mais adequado à G., sei o quanto ela é capaz de avançar, mas o contexto geral da sala me impediu, em muitos momentos, de dar uma atenção mais especializada, infelizmente, a professora sozinha não consegue manter o ritmo adequado às especificidades da criança com dislexia”.

Vemos neste breve relato a dificuldade da professora das series alfabetizadoras, pois nestas series em certo grau todo aluno possui suas dificuldades, obviamente que o aluno com dislexia possui maiores dificuldades e de forma permanente. Mas a turma toda exige a atenção da professora, porque como já foi dito eles irão dominar uma tecnologia, a alfabetização não se trata de algo inato ao seu desenvolvimento.

Esse cenário relatado ocorre majoritariamente dentro de um contexto de turmas superlotadas. Na citação a professora menciona um auxiliar de sala, mas o contexto nos permite refletir na possibilidade de um mediador pedagógico de modo estratégico para o aluno com dislexia nas series alfabetizadoras. Pois esse aluno não precisa de um cuidador, pois tem autonomia em seu autocuidado. O mediador não substitui o professor de sala, mas atua de modo simultâneo ao professor dentro da sala de aula. Segundo outras falas da professora que Silva nos apresenta, os colegas da criança avaliada se ofereciam para ajudá-la, fazendo a leitura de enunciados, soletrando palavras, e por mais admirável que seja a relação dos colegas, uma criança não deveria exercer essa função. A nossa legislação não prevê tal função, o que ela disponibiliza é um apoiador (cuidador) para o público da ed. especial.

“profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas” (Brasil, 2015, art. 3º, inciso XIII).

Para concluir esse último eixo vamos as contribuições do texto (5), que traz um outro elemento fundamental para o desenvolvimento do aluno.

Para os alunos com dislexia a participação da família é indispensável para a superação das dificuldades, melhoramento da autoestima, incentivo e na socialização, por isso no momento da intervenção esse apoio é relevante para o sucesso do aluno e como um auxílio ao trabalho do professor, sendo uma forma de colaborar nas atividades de ensino, e na identificação das dificuldades da criança, assim essa interação entre a família e a escola, é uma forma de contribuir para que a dislexia seja aos poucos contornada pelos reforços recebidos tanto da instituição escolar como da família. (Lima, 2020, p. 28)

A família exerce grande influência na vida do aluno, são seus referenciais, é o seu porto seguro. Indo de encontro com a citação de Lima o trabalho (3) ilustrou bem o impacto da falta de apoio da família quando descreve algumas cenas do filme, onde a família reclama com a criança disléxica após as reuniões da escola, ele é taxado como preguiçoso, existe uma certa comparação entre ele e seu irmão, e, também, o envio dele ao internato que gerou um sofrimento extremo.

O texto (5) nos diz a importância de existir uma parceria entre escola e família. Uma função indispensável para escola nessa relação é o de esclarecimento sobre o que é a dislexia e seus impactos na vida de seus filhos, como eles podem ajudar seus filhos. Pois devemos ter em mente que assim como no filme abordado no outro trabalho (3), no qual os pais e professores não conheciam a dislexia, isso também ocorre em nosso senso comum e as famílias se vem perdidas diante perante a dislexia.

Após apresentar as contribuições dos trabalhos, apontaremos algumas lacunas percebidas durante o estudo em alguns trabalhos. Esse ponto não possui a intenção de atacar ou diminuir a produção de conhecimento das colegas, mas apenas elencar nossa percepção enquanto leitores. Iniciamos com o trabalho (2), as autoras com sua pesquisa comprovam a falta de conhecimento sobre a dislexia das professoras da instituição, de João Pessoa, pesquisada. Abordam de maneira geral a necessidade de formação continuada dos pedagogos.

Porém ao ler o trabalho sentiu-se a necessidade de uma explicação se existe algum projeto de formação para as professoras da educação infantil no município de João Pessoa. Gera no leitor o questionamento de há uma negligência por parte do município em formar, ou a formação que existe não contempla a dislexia como assunto de discussão. No texto (3) a fundamentação da autora se debruça mais na teoria histórico-cultural, proposta por Lev Semenovitch Vigotski do que na dislexia e suas características, legislação sobre o transtorno. Em seu trabalho a dislexia tem maior presença na análise do filme, ou seja, é a história do personagem que contextualiza com mais profundidade as características do transtorno.

Seria interessante para o trabalho abordar isso em capítulo próprio na fundamentação, assim como ocorreu com os outros trabalhos analisados que traziam elementos como etimologia da palavra dislexia, o contexto histórico da descoberta, o que é? Seu impacto na vida de quem tem o transtorno. Pois a fundamentação não é só uma forma de demonstrar embasamento em sua discussão acerca do tema, mas se trata de dar ao leitor o contato com esses autores citados, é a possibilidade de buscar as fontes primárias para enriquecer seu conhecimento. “Somente a partir do contato com outros pesquisadores da mesma área e dos registros do conhecimento já produzido por eles, é possível produzir Ciência.” (Rodrigues; Neubert, 2023, p. 4).

Por fim o trabalho (5), a autora faz a distinção sobre a integração e inclusão e faz toda uma linha do tempo no que se refere a inclusão, mas não menciona nada sobre falta de leis específicas para quem tem dislexia. Ela também se refere algumas vezes a pessoas com deficiência como portadoras de deficiência, necessidades especiais. É compreensível que tais termos estejam presentes em citações pois os autores ou as leis são mais antigos, mas no corpo do texto, em nossa análise devemos sempre estar atentos e usar a terminologia atual.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar as contribuições das produções bibliográficas disponíveis no repositório institucional da Universidade Federal da Paraíba, sobre o processo de ensino e aprendizagem de estudantes com dislexia na última década.

A partir da pesquisa realizada, conclui-se que as produções da instituição trazem contribuições significativas para o entendimento das dificuldades enfrentadas pelos estudantes com dislexia, bem como para o seu processo de aprendizagem. Os trabalhos analisados apontam para elementos fundamentais nesse processo como o papel fundamental do professor na mediação do ensino-aprendizagem, a importância da adoção de estratégias pedagógicas adequadas como o uso de metodologias multissensoriais, a adoção do método fônico no processo de alfabetização, a utilização

de jogos nas aulas, a adaptação de instrumentos avaliativos, e a articulação entre escola, família e outros profissionais.

As lacunas encontradas neste trabalho referem-se ao baixo quantitativo de produções acadêmicas sobre a dislexia, bem como o escasso aprofundamento no tipo de produção, teses e dissertações, revelando assim uma fragilidade da instituição. Ao que tudo indica, tal cenário resulta da ausência da abordagem da dislexia de forma enfática na formação inicial dos pedagogos. Essa ausência, tanto na graduação quanto nas produções acadêmicas, impacta diretamente a atuação em sala de aula dos docentes formados por esta instituição, dificultando a inclusão e o processo de ensino-aprendizagem das pessoas com dislexia. Embora tenhamos um baixo quantitativo nas produções acadêmicas sobre a dislexia, as produções encontradas são contribuições do Centro de Educação.

A pesquisa reafirma a importância das produções acadêmicas e seu aprofundamento, reconhece o repositório acadêmico como um espaço confiável de produção e disseminação do conhecimento, um espaço de livre acesso para aqueles que estão em formação, os que estão em atuação e a sociedade em geral. Por isso ampliar a discussão sobre a dislexia nesta instituição, nos mais variados espaços como as salas de aula, minicursos, mesas redondas, nos eventos, refletirá diretamente na produção de conhecimento do acervo institucional.

Espera-se que este trabalho contribua para reflexão e a discussão sobre a necessidade de maior abordagem da dislexia e seu processo de ensino e aprendizagem. Estimulando novos estudos sobre este tema, bem como o aprofundamento do tipo de produção. Assim como dar enfoque às práticas possíveis para formandos e professores em atuação.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Letícia Moreira de Souza; BARROS, Sarah Gonçalves. **A teoria das inteligências múltiplas de Gardner e sua contribuição para a educação.** *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*, v. 7, n. 1, p. 148-168, 2021.

ALBUQUERQUE, Danielle Andrade de; LIMA, Janaciara Kely Fontes de; GONÇALVES, Luciene Maria. **Dislexia e educação infantil: refletindo sobre o olhar dos professores.** 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. APA. **DSM-5:** manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AULETE. *Multissensorial*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/multissensorial>. Acesso em: 26 mar. 2026.

BALESTRA, Maria Marta Mazaro. **Piaget: uma importante contribuição para a educação.** *Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Paraná, v. 4, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/322>. Acesso em: 19 de mar. 2026.

BERTOLDI, Anderson. **Alfabetização científica versus letramento científico: um problema de denominação ou uma diferença conceitual?** *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, 2020.

BORBA, Ana Luiza; BRAGGIO, Mario Ângelo. *Como interagir com o disléxico em sala de aula.* [s.l.]: Associação Brasileira de Dislexia, s.d. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

BRASIL. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 jan. 2026.

BRASIL. Decreto nº 12.686, de 2025. **Institui a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília, DF: Presidência da República, 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, 2001.

BRASIL. Lei nº 13.085, de 8 de janeiro de 2015. **Institui o Dia Nacional de Atenção à Dislexia.** Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. **Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.** Brasília, DF: Presidência da República, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 29 mar. 2026.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SILVA, Brunna Alves da. **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação.** *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, p. 1–15, 2021.

Carta aberta: precisamos falar sobre a dislexia. Instituto abcd. Disponível em: <https://www.institutoabcd.org.br/precisamos-falar-sobre-a-dislexia/>.

Acesso em: 30 jun. 2025

CERON-LITVOC, Daniela; GUTT, Elisa Kijner; ZUKAUSKAS, Patricia Ribeiro. **Todos aprendem:** dificuldades e transtornos de aprendizagem. Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem. Disponível em: <https://www.institutoabcd.org.br/todos-aprendem/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

COSTA, Zilá Carvalho. **Alfabetização, método fônico e seus processos: um estudo com professores alfabetizadores.** 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Sapucaí.

DAQUINO, Edilaine Silva Matoso; TORTATO, Cintia de Souza Batista. Educação e mulheres: por que o curso de pedagogia é composto em sua maioria por mulheres? *Humanidades & Tecnologia (FINOM)*, v. 47, p. 234–252, abr./jun. 2024.

Divulgados os resultados do pisa 2022. Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 30 jun. 2025

EDUCA MAIS BRASIL. Dislexia: o que é, causas e sintomas. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/biologia/dislexia>. Acesso em: 16 mar. 2026.

EIDELWEIN, Monica Pagel et al. Perfil do psicopedagogo associado à ABPp: demandas formativas no cenário atual. *Revista Psicopedagogia*, v. 42, n. 129, p. 424–437, 2025.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas A.s., 2008. 200 p.

INSTITUTO ABCD. Precisamos falar sobre a dislexia. Disponível em: <https://institutoabcd.org.br/precisamos-falar-sobre-a-dislexia/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

INSTITUTO ABCD. Todos aprendem. São Paulo: Instituto ABCD, s.d. Material didático (PDF). Disponível em: <https://www.institutoabcd.org.br/todos-aprendem/>. Acesso em: 24 nov. 2025.

LEITE, Ayane Shirley Pereira. **A mediação docente na aprendizagem e desenvolvimento de um estudante com dislexia: uma análise do filme "Como estrelas na terra, toda criança é especial"**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituição, João Pessoa, 2021.

LIMA, Janyly Gadelha de. **Inclusão escolar: um olhar sobre a dislexia e o papel da escola**. 2020. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

MEDEIROS, Elaine Cristina de Moura Rodrigues. **INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES**: transtornos específicos de aprendizagem. Natal: Ufrn, 2019.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. [Comissão assegura direito de aprender](http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/dislexia#:~:text=Segundo%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de,da%20leitura%2C%20escrita%20e%20soletra%C3%A7%C3%A3o). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/dislexia#:~:text=Segundo%20a%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de,da%20leitura%2C%20escrita%20e%20soletra%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 29 jun. 2025.

NASCIMENTO, Aldinéia Beatriz de Oliveira. **Análise bibliográfica sobre estratégias pedagógicas para crianças com dislexia**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

OLIVEIRA, Marina Costa Oliveira e Oliveira. **Intervenção psicopedagógica e dislexia: um relato de caso clínico**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

O que é dislexia. Instituto abcd. Disponível em: <https://www.institutoabcd.org.br/o-que-e-dislexia/>. Acesso em: 19 jun 2025.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011.

PAULINO, Larissa Alves. **Aspectos genéticos da dislexia: uma revisão da literatura**. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Rio Grande D Sul: Universidade Feevale, 2013. p. 276

RODRIGUES, Rosângela Schwarz; NEUBERT, Patrícia da Silva. **Introdução à pesquisa bibliográfica**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.

SCHMITT, Camila da Silva; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. **Estilos de aprendizagem: um estudo comparativo**. 2016.

SILVA, Fabiana Maria Soares da. **Intervenção psicopedagógica com criança disléxica: um estudo de caso na Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB). Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). *Estrutura curricular do curso de Pedagogia – João Pessoa*. Disponível em: <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/1011>. Acesso em: 26 mar. 2026.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. **Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar**. Educação Unisinos, São Carlos, p. 147-155, abr. 2018.